

## Raízes, tambores e frutos: a escola de arte do instituto cultural tambor de raiz, Conceição da Barra/ES

Roots, drums and fruits: the art school of the instituto cultural tambor de raiz, Conceição da Barra/ES

Letícia Giuberti Borghi  
Ailton Pereira Morila

**Resumo:** A dissertação traz como objeto de estudo uma escola de arte no município de Conceição da Barra, localizada no Norte do Espírito Santo e comporta o território conhecido como Sapê do Norte. A partir do território, da cultura local e da história, analiso as motivações para a existência de uma escola de arte no município, bem como o público atingido pelas atividades da Instituição que abriga a escola. A pesquisa de face qualitativa utiliza a escola e componentes do Instituto Cultural Tambor de Raiz como fonte de coletas de dados segundo os pressupostos de Meihy (2015). Os conceitos importantes para essa pesquisa giram em torno da memória e história, para isso, nos debruçamos em referenciais teóricos Ecléa Bosi (1994), Halbwachs (2003) e Le Goff (1990). Tendo em vista que tratamos de questões de comunidades ancestrais, usamos como suporte Kabelenge Munganga (2004) e Inaicyra dos Santos (2008). A partir dos materiais coletados e da pesquisa estruturada, alguns fatores se mostram importantes nesse estudo. A memória coletiva se forma a partir de interesses em comum, de relações e lembranças, a identidade que é formada a partir do reconhecimento entre as pessoas e a transmissão de conhecimentos pelos saberes populares. Esses pilares dão base para esse estudo e também para a formação da Escola de Arte do Instituto Cultural Tambor de Raiz, e não menos importante, a resistência, que permeia todos os âmbitos de formação da escola. Resistência essa que é histórica na região, simbolizada pela gramínea Sapê e pelos tambores, na luta contínua contra o apagamento cultural e a apropriação territorial, contextualizando a Escola de Artes como um espaço de resistência e construção de identidade.

**Palavras-chave:** Memória e História Oral; Sapê do Norte (ES); Comunidades Quilombolas; Educação Não-Formal; Escola de Artes do Instituto Cultural Tambor de Raiz.

**Abstract:** This dissertation focuses on an art school in the municipality of Conceição da Barra, located in the north of Espírito Santo and encompassing the territory known as Sapê do Norte. Based on the territory, local culture and history, I analyze the motivations for the existence of an art school in the municipality, as well as the target audience for the activities of the institution that houses the school. The qualitative research uses the school and components of the Tambor de Raiz Cultural Institute as a source of data collection according to the assumptions of Meihy (2015). The important concepts for this research revolve around memory and history, for this, we focus on theoretical references by Ecléa Bosi (1994), Halbwachs (2003) and Le Goff (1990). Given that we are dealing with issues of ancestral communities, we use Kabelenge Munganga (2004) and Inaicyra dos Santos (2008) as support. Based on the materials collected and the structured research, some factors appear to be important in this study. Collective memory is formed from common interests, relationships and memories (Roots); identity is formed from recognition among people and the transmission of knowledge through popular wisdom. These pillars provide the basis for this study and also for the formation of the Art School of the

Tambor de Raiz Cultural Institute, and no less important, resistance, which permeates all areas of the school's formation. This resistance is historical in the region, symbolized by the Sapê grass and the Drums, in the ongoing fight against cultural erasure and territorial appropriation, contextualizing the School of Arts (Frutos) as a space for resistance and identity construction.

**Keywords:** Memory and Oral History; Sapê do Norte (ES); Quilombola Communities; Non-Formal Education; School of Arts of the Tambor de Raiz Cultural Institute.

## Introdução

A dissertação Intitulada Raízes, Tambores e Frutos: a Escola de Arte do Instituto Cultural Tambor de Raiz, Conceição da Barra/ES traz a história de resistências do Sapê do Norte, região que tem esse nome segundo Oliveira (2006) em referência a uma gramínea resistente, que se relaciona com o povo que resistiu e resiste às amarras da escravidão. Território palco de batalhas entre colonizadores, indígenas e quilombolas, abriga a Escola de Arte do Instituto Cultural Tambor de Raiz, que tem início em 2022, idealizada por um artista, natural do município.

Além da Escola de Arte, o Instituto Cultural Tambor de Raiz é responsável pelo Pocar Festival de Cultura e pelos espetáculos Memórias à Venda (2016) e Caburé (2019). A dissertação buscou compreender as motivações para existência de uma escola de arte no município de Conceição da Barra, bem como as razões de sua fundação, os propósitos e o público que ela atinge.

Para pensar a escola, é preciso pensar sobre memória, em razão disso, trazemos Le Goff (1990) e Halbwachs (2003) para pensar principalmente a memória coletiva, levando em consideração a sabedoria ancestral, que tornam as histórias e narrativas orais vivas, sendo necessário que haja identidade, interesse em comum e a importância do ancestral, para além dos registros escritos. Além disso, Bosi (2003) é um suporte para pensar a memória e colocar a escola de arte como uma comunidade de destino, onde pessoas com interesses em comum se encontram para traçar caminhos para formação de uma identidade e memória coletiva. Ademais, o corpo e a ancestralidade são termos que visitamos para construir esse trabalho, trazendo Munanga (2004; 2009), Diana Taylor (2013) e Inaicyra Falcão dos Santos (2008).

Para introduzir o território, falamos de Raízes, a cidade de Conceição da Barra e seu contexto histórico, com batalhas travadas desde o período colonial até o fim da escravidão, compreendendo os atores que fazem parte da constituição do município. Enquanto nas outras cenas, trazemos a memória viva, a partir da oralidade, com base em Meihy (2015), Danilo Lopes, Didito Camillo e Fabiola Guimarães dão voz a sua própria história e ancestralidades, se relacionando com o território e com o Instituto Cultural Tambor de Raiz.

Adentrando Tambores, o terceiro ato, traz de forma breve, mas essencial, as produções realizadas pela instituição, que semeiam o caminho para chegar à escola de arte. Na primeira cena, tratamos sobre o Pocar, festival realizado há mais de 10 anos, que comporta diversas linguagens artísticas e surge como comemoração ao processo de tombamento da praça central do município, durante um processo de luta e resistência contra a descaracterização dos monumentos que a compõe. O primeiro espetáculo, Memórias à Venda (2016) abre as portas da segunda cena desse ato, com histórias das comunidades quilombolas, coletadas na feira de Conceição da Barra, fala sobre identidade e o preconceito racial enfrentado pelo povo preto do Brasil. E o segundo espetáculo, Caburé (2019) traz de forma mais intensa, a história de luta do quilombo do Negro Rugério e a luta pela libertação dos escravizados na região norte do Espírito Santo.

O quarto ato, intitulado Frutos, finaliza nosso percurso pelo Instituto Cultural Tambor de Raiz adentrando a Escola de Arte, sendo esse fruto das sementes das produções anteriores. Buscamos nesse ato final analisar o tipo de educação pensado para escola, bem como as linguagens e metodologias trabalhadas para compor o corpo da escola. Fundada em 2022, podemos observar os objetivos nas entrevistas feitas com os professores de cada linguagem, todos eles buscam mostrar que a arte é um caminho de transformação. Quando buscamos compreender a metodologia de ensino, observamos que cada professor segue suas vivências e métodos que tem por base, compreendendo também que a escola de arte ainda está se construindo e isso pode ser visto tanto na metodologia, quanto na forma de funcionamento e experimentações, para que as crianças

aprendam ao menos um pouco das linguagens oferecidas. São elas: violino, capoeira, canto, dança afro, teatro e jongo. O público inicial para compor o corpo de alunos foram crianças de comunidades quilombolas, com objetivo de oportunizar novas experiências para essas crianças que por muitas vezes são inacessíveis a elas.

Se aproximando de Gohn (2015), a escola de Artes se relaciona à educação não formal, baseando-se na criatividade, aquisição de saberes que não se restringem as normas institucionais, sendo importante mais o processo do que o produto final. Por fim, dividimos esse ato em 6 cenas, que por meio dos relatos orais dos professores, conseguimos conhecer as metodologias e as experiências em cada linguagem trabalhada, compreendendo os processos educativos.

## **Considerações finais**

Falar da Escola de Arte do Instituto Cultural Tambor de Raiz não é possível sem passar por toda trajetória da Instituição, principalmente ao observarmos que a escola é voltada em sua maioria para um público negro, remanescente de quilombolas. Halbwachs (2003) atribui à memória a missão de formar a identidade e a história. Falamos de um território de muitas lutas, com registros formados pela oralidade, por meio da memória coletiva, e essa forma de registro é importante tanto para as comunidades quanto para o Instituto Cultural Tambor de Raiz.

A busca de construção de uma memória coletiva e da identidade, numa posição de resistência, traz as respostas que buscávamos, ao pensar a necessidade de uma escola de arte nos moldes oferecidos pelo Instituto Cultural Tambor de Raiz.

Desse modo, a resposta para tudo, do porquê de existir uma escola de arte, voltada para crianças de comunidades quilombolas, do porquê trabalham essas linguagens mencionadas, porque são realizados tais espetáculos e festival: RESISTIR.

Resistir, cheio de entremeios é a resposta para tudo, para o Pocar, para os espetáculos. Resistência da memória, resistência africana, resistência das festas tradicionais, da praça, da musicalidade, da dança. Crianças experienciando essas culturas

rodeiam o estímulo de continuidades. Continuidades essas das manifestações populares de Conceição da Barra, da história local e da memória. O conhecimento dessas práticas culturais que eles consomem ao longo dos anos, constrói a partir da memória coletiva o dia a dia das gerações seguintes.

## Referências

- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular** – Leituras de Operárias. 10<sup>a</sup> Edição. Petrópolis: Vozes, 1972. 192 páginas.
- GOHN, M. G. M. Educação Não Formal no Campo das Artes (Org)1a. ed. São Paulo, Ed Cortez, 2015.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 19. ed. São Paulo:Companhia das Letras, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- LE GOFF, Jaccques. **História e Memória**. 7<sup>a</sup>. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: Como fazer como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MUNANGA, Kabelenge. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia** . 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação (PENESB), Rio de Janeiro, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte. Autêntica, 2009.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Projeto Político de um Território Negro**: Memória, cultura e identidade quilombola em Retiro, Santa Leopoldina - ES. Vitória, 2019.
- SANTOS, Inaicyra Falcão. **Corpo e ancestralidade**: uma configuração estética afro-brasileira. Salvador, 2015.